TESSITURAS
Revista de Antropologia e Arqueologia

Alexandre de Brito Alves[1]
Marcelo do Vale Oliveira[2]
Mayra Patrícia Corrêa Tavares[3]

AVIAMENTO NA PESCA ARTESANAL DO CARANGUEJO-UÇÁ: ARRANJOS DE PODER E DOMINAÇÃO

AVIAMENTO IN ARTISANAL FISHING OF THE UÇÁ CRAB: ARRANGEMENTS OF POWER AND DOMINATION.

RESUMO

Nossa proposição é analisar a relação entre o instituto do "aviamento" e a coleta do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*). Nossos interlocutores são os trabalhadores desta atividade, autodenominados tiradores, e os marreteiros/atravessadores no município de Bragança, nordeste do estado do Pará. Os empréstimos a crédito concedidos pelos marreteiros aos tiradores e as consequentes dívidas contraídas, pagas em dinheiro ou em quantidades de espécies capturadas, permitem compará-las às práticas tradicionais de aviamento, recorrentes nos períodos de exploração da borracha na Amazônia, entre o final do século XIX e início do XX.

PALAVRAS-CHAVE: aviamento; tiradores de caranguejo; marreteiros e manguezal.

1Universidade Federal do Pará (UFPA) alexandrehistoria2010@yahoo.com.br
2Universidade Federal do Pará (UFPA) marcelomvo@ufpa.com
3 Universidade Federal do Pará (UFPA) commayrapatriciaport@gmail.com

ABSTRACT

Our proposal is to analyze the relationship between the "aviamento" institute and the collection of the uçá crab (*Ucidides cordatus*). Our interlocutors are the workers of this activity, self-identified collectors, and the hammers/crossers in the municipality of Bragança, northeast of the state of Pará. The credit loans given by the hammers to the crab gatherers and the consequent debts incurred, paid in cash or in quantities of species captured, allow us to compare them to the traditional practices of "aviamento", recurrent in the periods of rubber exploration in the Amazon, between the end of the century 19th and early 20th century.

KEY WORDS: aviation; crab catchers; sledgehammers and mangroves.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho o aviamento é entendido como arranjo imposto para dominação entre diferentes atores sociais dentro de uma determinada atividade produtiva. Nele, discute-se a "submissão" de parte da população ao mando de elites locais em troca de proteção, a partir da instituição de laços de compadrio, em um sistema de proteção/exploração. Na Amazônia brasileira, o aviamento é o sistema de dominação herdado da colônia, sob diferentes formas e em contextos diversos, desde a exploração das "drogas do sertão" passando pela exploração da borracha e da castanha-do-pará (SAMPAIO, 2002).

No caso específico da Reserva Extrativista Marinha (RESEX-mar), apesar de sua implementação garantir, em tese, o direito de contrapor o sistema de dominação pelas comunidades tradicionais e contribuir para transformações no poder local, percebem-se dificuldades na mobilização política dessas comunidades (OLIVEIRA, 2018). Nesse contexto bem específico, o "sistema de aviamento" , baseia-se em relações entre os representantes do Estado e o poder político local, que se afirma pela capacidade em obter dos representantes do Estado os recursos necessários para a realização de programas de governo com base na troca de favores; fato que o sistema Resex ainda não conseguiu transformar radicalmente em alguns contextos (TEISSERENC, 2016). Esse sistema abrange as relações estabelecidas enquanto dominação econômica e social.

Dessa forma, nosso objetivo é compreender os arranjos do sistema de aviamento na atividade pesqueira do caranguejo-uçá[4] em Bragança, no Pará, Amazônia. Nossa questão central é: como é operado o sistema de aviamento dentro da atividade de coleta[5] do caranguejo-uçá entre os

4 Nome científico: *Ucides cordatus.*

5 Ressaltamos que a ação de coleta precisa ser observada a partir de suas complexidades. Há uma série de mobilizações necessárias para esse ato: é preciso dominar os saberes tradicionais locais específicos (conhecer os tipos de solo, o regime de marés, tipos de árvores, o ciclo biológico do caranguejo, o manejo social e as regras instituídas via Estado, entre outros) e os apetrechos (tecnologias) usadas como o braceamento (uso do braço para coletar o caranguejo) e o "gancho" (instrumento de madeira com um gancho de ferro

pescadores da Vila do Bacuriteua? Ao discutir o aviamento, devemos observá-lo a partir do contexto econômico, produtivo, histórico e social do lócus, pois o sistema passa por transformações ao longo do tempo e se reestrutura em outras práticas socioeconômicas. Atualmente, está inserido na atividade pesqueira, embora em contexto e ações que consideramos diferenciadas da época da alta exploração do ciclo da borracha, nos séculos XIX e XX, na Amazônia. Por isso a necessidade de compreendê-lo dentro da pesca artesanal local em Bragança, mais especificamente no âmbito do território da Reserva Extrativista Marinha (RESEX-mar) Caeté-Taperaçu.

Como afirmado por Teisserenc (2016), há conceitos necessários para entender como são instituídas as relações através do aviamento: poder e dominação, escolhidos a partir dos dados empíricos que observamos. Assim, poder aqui é entendido como a capacidade de indivíduos ou grupos de alcançar seus objetivos e/ou interesses por ações orientadas pelo controle dos meios necessários, podendo ser por imposição da própria vontade, mesmo a despeito das vontades e resistências contrárias individuais ou de grupos (GALLINO, 2005; GIDDENS; SUTTON, 2017; BAUMAN; MAY, 2010); e dominação empregado aqui como relação de subordinação ou superioridade entre diferentes atores individuais e coletivos, que busca o controle da repartição dos recursos materiais e não-materiais produzidos ou adquiridos conjuntamente pelo sistema. Para esse fim realizam combinações variáveis de diversas formas de poder, autoridade, de influência e outros meios para controlar os comportamentos e impedir o descumprimento da ordem/ação ou alguma alteração em sua natureza (GALLINO, 2005, p.238).

Historicamente na Amazônia, o aviamento se deu a partir de diferentes ciclos socioeconômicos, sendo o mais estudado o ciclo da borracha na Amazônia, nos séculos XIX e início do XX. Sua forma histórica tradicional é o crédito e esteve na base da produção da borracha "bem como de outros produtos extrativos de exportação, como a castanha e, recuando-se mais no tempo, as 'drogas do sertão' durante o período colonial" (ALVES, 2006, p. 66). O extrativismo, por estar voltado para a venda de produtos da floresta no mercado, esteve historicamente subordinado a uma modalidade de organização da produção baseada no sistema de aviamento, visando a exploração econômica da borracha como produto principal de exportação.

Mauro Cherobim (1983) explicou que a dívida historicamente teve um papel importante nas relações patrão-freguês, não havendo qualquer relação formal nestas relações. No caso da exploração da borracha, a dívida ocorria entre o patrão-seringalista e o seringueiro. O primeiro fornecia recursos econômicos ao segundo, que, consequentemente, entrava no seringal endividado, e parte do percentual que adquiria já pertencia ao patrão. Este tradicional sistema de dominação econômica tem se reproduzido na Amazônia e sua ocorrência é peculiar em meio às atividades pesqueiras, entre os pescadores amazônicos (ALVES, 2006).

Em Bragança, na exploração do caranguejo-uçá no manguezal, o patrão é o marreteiro[6], que avia o tirador, que entra no manguezal

na ponta que serve para coletar os caranguejos que estão mais fundos nas galerias) (OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA; MANESCHY, 2014).

6 Conceituaremos o marreteiro e demais atores da cadeia produtiva do caranguejo-uçá em Bragança no tópico 2.

endividado com o fornecedor, devendo, portanto, pagar a dívida contraída. A coleta de crustáceos é fonte de renda para muitos grupos sociais vulneráveis, a dependência para com os intermediários é frequente, e, por fim, nas relações de solidariedades e/ou conflitos entre os pescadores do manguezal (CAMPOS, 2013; OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA, 2015; OLIVEIRA & ALVES, 2021). Dessa forma, queremos evidenciar as contradições presentes nesses arranjos do sistema de aviamento ainda presente na pesca artesanal na região de Bragança. Para isso, buscamos problematizar estratégias, acordos, tensões, conflitos e resistências ao aviamento.

Metodologicamente, a coleta de dados foi realizada entre os anos de 2010 a 2017. Os procedimentos metodológicos decorreram por meio de observações diretas no manguezal, em conversas informais com trabalhadores da pesca, além de entrevistas com tiradores de caranguejo que residem na Vila de Bacuriteua, distante aproximadamente 08 km da sede do município de Bragança, nordeste do estado do Pará.

A metodologia é baseada em autores como Eva Maria Lakatos e Marina Marconi (2003), Maria Cecília Minayo (2016) e Romeu Gomes (2016). O procedimento é qualitativo (LAKATOS; MARCONI, 2003) escolhido pela necessidade apresentada no campo de compreender um universo de significados presentes nas relações instituídas de aviamento entre os coletores de caranguejo e outros atores dentro da cadeia produtiva, cuja realidade não pode ser quantificada para sua problematização.

As técnicas empregadas foram o levantamento bibliográfico (LAKATOS; MARCONI, 2003; MINAYO, 2016) e a pesquisa de campo, subdividida em entrevistas semiestruturadas e observação participante: ao todo foram feitas trinta (30) entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2016) com coletores de caranguejo, ex-coletores e marreteiros de caranguejo, sujeitos que compõem a cadeia de circulação do crustáceo; e a observação participante (MINAYO, 2016; LAKATOS; MARCONI, 2003) na qual estivemos na comunidade tentando ganhar a confiança do grupo e observando as lógicas locais. Por fim, a análise de dados (LAKATOS; MARCONI, 2003; GOMES, 2016) que considera o universo de representações e opiniões que os interlocutores exprimem, evidenciando pluralidades e heterogeneidades que apareçam entre eles sobre o objeto da pesquisa.

O artigo divide-se em tópicos: a primeira apresenta o lócus onde ocorreu a pesquisa; a segunda a cadeia produtiva da pesca de caranguejo-uçá e seus atores; por fim, analisam-se os arranjos e as relações de poder locais e resistências envolvendo tiradores e marreteiros de caranguejo e a continuidade da instituição do aviamento na pesca local.

VILA DO BACURITEUA

Esse primeiro tópico tem como objetivo apresentar o lócus da pesquisa caracterizando-o, através da pergunta: Quais as suas principais características? Dessa forma, nossa intenção central aqui é contextualizar para compreender mais à frente em que lugar e a relevância da atividade produtiva para o grupo onde o sistema de aviamento é operado.

O município de Bragança se localiza na Mesorregião do Nordeste Paraense e na Microrregião Bragantina, detém uma área territorial de 2. 090, 23 km² e está a cerca de 210 km de Belém, capital do Estado do Pará. O lugar onde residem os trabalhadores que foram investigados neste estudo é Bacuriteua, Vila distante cerca de 8 km de Bragança, e que pertence ao Município, localizada na região nordeste do estado do Pará, Amazônia oriental. A Vila está situada à margem esquerda do estuário do rio Caeté.

Bacuriteua é uma das comunidades mais populosas da área costeira de Bragança e sua principal atividade econômica está pautada na pesca artesanal/industrial e na coleta de caranguejo no manguezal que a circunda. A Pontinha do Bacuriteua se destaca entre as comunidades com maior número de tiradores em atividade (DOMINGUES, 2008). Residem também nesta localidade funcionários públicos, lojistas, vendedores ambulantes, agricultores e comerciantes. O lugar corresponde ao encontro do mundo urbano com o rural de Bragança, onde cotidianamente seus moradores circulam da vila à zona urbana e da zona urbana à vila. Quanto aos serviços públicos essenciais, em Bacuriteua atualmente constam uma Unidade Básica de Saúde (Annanias Felicio da Silva); um Comando de Policiamento Militar Regional; duas escolas públicas de ensino fundamental e médio, denominadas de Raimundo Martins Pinheiro (nível fundamental) e Maria de Nazaré Cesar Pinheiro (fundamental e médio). A localidade não tem hospital, unidades bancárias e outras unidades escolares. As pessoas que necessitam de serviços inexistentes em Bacuriteua utilizam a sede, cidade de Bragança. Elas se deslocam à urbe em ônibus e/ou nos táxis que transitam diariamente pela PA-458. Algumas de suas ruas estão asfaltadas, outras, porém, são de piçarras ou de chão batido.

A Pontinha do Bacuriteua se destaca entre as cinco comunidades da península bragantina com maior número de tiradores, a saber: Acarajó, Caratateua, Tamatateua, Treme e Bragança (DOMINGUES, 2008). Há aproximadamente 80 tiradores, de acordo com o grupo pesquisado. A captura de crustáceos desempenha importante fonte de renda para os moradores de Bacuriteua principalmente na “Pontinha de Bacuriteua”, onde reside maior quantidade de caranguejeiros. Bacuriteua localiza-se nas proximidades de uma grande área de manguezal, habitat de recursos como peixes, crustáceos e mexilhões, utilizados pelos moradores como recursos econômicos. Esses são capturados e vendidos em diferentes lugares dentro do município de Bragança e também fora dele, abrangendo outras cidades no Pará, outros estados e até outros países, como no caso da exportação de peixes, pelas indústrias pesqueiras. O crustáceo-caranguejo-uçá se destaca como recurso de grande captura e comercialização pelos moradores.

Marcus Oliveira (2015, p. 78) escreveu que a ocupação na Pontinha de Bacuriteua começou no final da década de 1960 e início de 1970, “por motivos ligados à posição privilegiada junto ao rio Caeté e ao manguezal, além do processo de desterritorialização após a instalação da indústria pesqueira”. A ocupação da Pontinha tem relação com a chegada dos cearenses à Bacuriteua, pois os moradores do centro do lugar venderam suas casas e passaram a residir na Pontinha. Assim, os sujeitos pesquisados neste estudo são os coletores de caranguejo que residem no Bacuriteua e os marreteiros, atores que fazem parte da cadeia produtiva desse crustáceo.

Por fazerem parte de uma cadeia produtiva, ao nosso ver, torna-se fundamental evidenciar essa cadeia pelas relações que os atores inclusos estabelecem entre si e com o "produto" principal: o caranguejo-uçá.

MARRETEIROS, PATRÕES E COLETORES EM MOVIMENTO DENTRO DE UMA CADEIA PRODUTIVA: A CIRCULAÇÃO DO CARANGUEJO-UÇÁ

Nossa intenção é evidenciar os atores e a cadeia produtiva para subsidiar a compreensão do sistema de aviamento nessa atividade produtiva. Assim, como está instituída a cadeia produtiva do caranguejo-uçá? Quais os principais atores e suas relações? Este tópico apresenta a cadeia produtiva e os atores participantes da pesca do caranguejo-uçá. Desse modo, subdividimos o tópico em atores e a cadeia produtiva.

No que se refere às dinâmicas comerciais do caranguejo-uçá em Bragança, destacam-se como principais expoentes deste cenário: 1- por um lado, o coletor, igualmente conhecido como tirador, por vezes também conhecido como caranguejeiro ou pescador de caranguejo (o "extrativista" que retira os recursos do ecossistema, capturando-os vivos); 2- o marreteiro também denominado de atravessador (sujeito social que intermedia as negociações do crustáceo, comprando-o diretamente dos coletores e depositando-o no mercado consumidor) (OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA & MANESCHY, 2014); 3- os "patrões", geralmente donos de automóveis, barcos e/ou canoas, responsáveis por transportarem as produções em seus veículos a outras cidades; 4- por fim, os atravessadores estão divididos em duas categorias, a primeira consta daqueles que adquirem a pescaria dos coletores e também dos aviadores para posterior comercialização, e a segunda envolve aqueles agentes que vendem suas mercadorias em outros municípios.

Explicando tais estratagemas, o coletor é o responsável por extrair o caranguejo do manguezal, ele é geralmente um morador da comunidade de Bacuriteua, em geral uma pessoa que depende dos recursos do ecossistema para sobreviver. O marreteiro se apresenta como o comprador da produção realizada pelo coletor, ele é o ator que revende o produto ao consumidor final; ou, em muitos casos, revende a outro comerciante que se encarrega de oferecer no mercado (OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA & MANESCHY, 2014). O marreteiro, nesse sentido, mantém relação comercial (além do consumidor) tanto com o coletor quanto com o "patrão", sendo que, algumas vezes, aquele (marreteiro) paga o frete do carro a este (patrão) para poder mercar sua produção, mas em determinadas ocasiões, entretanto, ele vende ao "patrão" a produção já comprada do coletor. Desse modo, há interações socioeconômicas de diversas formas nesta cadeia produtiva, quais sejam: as entre o coletor x marreteiro, coletor x "patrão" e "patrão" x marreteiro, além das que ocorrem entre o marreteiro x consumidor e coletor x consumidor.

> *O coletor e o marreteiro estão diretamente envolvidos na comercialização do caranguejo em todo o espaço em análise, no entanto, é importante observar que essa relação está para além de uma simples permutação*

> *comercial, pois, o que há entre eles é uma relação de dependência econômica e social, uma vez que o coletor, em muitas situações da vida, pede empréstimo a crédito ao marreteiro, e, deste modo, mantém com ele ciclos de dívidas que se perpetuam e que são pagas, na maioria dos casos, por meio da "fidelidade" econômica do coletor no fornecimento do produto (OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA & MANESCHY, 2014).*

As relações instituídas dependem de interesses locais e do momento em que se efetivam essas trocas; sejam monetárias ou não. Assim, há coletores que não vendem ao marreteiro, mas diretamente ao consumidor; por outro lado, há também aqueles que comercializam com os marreteiros, mas não mantêm com eles quaisquer ciclos de dívidas; existem também marreteiros que vendem a outros marreteiros, estes últimos se encarregam de revender ao consumidor.

O marreteiro aí pra nós, não era pra existir o marreteiro né, era nós mesmo pra tirar nossa produção, e nós mermo fosse vender, mais no caso aí já tem o marreteiro, é igual que nem comprar peixe, já tem o marreteiro do peixe, tem o do caranguejo, e nós se ó, se nós vender uma cambada de caranguejo hoje em dia pro marreteiro de 6 reais, lá estão ganhando o dobro de que nós ganha, já vende de 12 a 15, que nem eu já cansei de ver. Quer dizer que eles já ganham dinheiro ali (...) o recurso é esse, porque se nós tira o caranguejo hoje aí a gente não vai trabalhar, vai vender o caranguejo, aí se já perde um dia, porque a gente tem conta em loja, se atrasar uma conta em loja, eles veem na porta da gente, e é coisa que eu não gosto, os outro vim na minha porta cobrando o meu dinheiro, eu gosto de fazer minhas coisas tudo certinho. (Tirador de caranguejo, Morador da Pontinha de Bacuriteua, Entrevista: 21 de jun. 2010).

A fonte acima mostra que o tirador reconhece que os marreteiros têm vantagens econômicas nas relações de trocas, porém, as dificuldades da vida e a necessidade de se obter dinheiro imediatamente, impulsionam vendas aos marreteiros. Contudo, existem casos em que os tiradores, mesmo com todas as dificuldades – dadas as intempéries que existem no manguezal – optam por vender as cambadas de caranguejos diretamente ao consumidor, na feira livre de Bragança, por exemplo, (OLIVEIRA, 2015).

Desse modo, o pescador de caranguejo pode comercializar com o atravessador, com catador da massa do caranguejo, com o consumidor ou com outro ator social. O primeiro atravessador pode vender ao consumidor final, ao catador e a outro ator não identificado pelo pesquisador. O segundo atravessador pode vender ao restaurante, ao consumidor final e a outro ator não identificado. Por fim o catador (aquele que retira a massa do caranguejo) vende ao atravessador, ao restaurante e ao ator não identificado. Essa ilustração tenta abstrair a complexidade da cadeia produtiva do caranguejo em Bragança e auxiliar na compreensão das ações sociais dos atores envolvidos na pesca e comercialização do caranguejo.

Os grupos sociais envolvidos na pesca do caranguejo compõem uma grande quantidade de pessoas que adentram diariamente no manguezal, estabelecem relações de dependência com o território que constroem, se apropriam e dominam (OLIVEIRA & ALVES, 2021). Essas relações são desiguais à medida que os atores que compõem os agentes últimos das

trocas comerciais tendem a ganhar mais no que pese às vendas dos recursos aos consumidores. Sobre isto, decorre-se que há aumento do preço das cambadas à proporção que estas transitam na teia comercial.

Domingues (2008, p. 24), analisando os conhecimentos locais e as práticas de manejo da cadeia produtiva do caranguejo em áreas da Resex Caeté-Taperaçu constatou que o escoamento da produção do crustáceo envolve dois processos distintos: o in natura e o beneficiamento. No primeiro, o uçá é comercializado vivo em cambadas ou peras[7]. Já o segundo atende a demanda por dois produtos, a) o comércio da carne do crustáceo (também chamada de "massa"), b) as patas (quelípodos), geralmente comercializadas em embalagens, contendo 1 kg. O citado autor levantou, a partir da observação dos associados na Reserva Extrativista Caeté-Taperaçu, que 60, 5% dos trabalhadores realizam atividades relacionadas às trocas in natura, 36, 9% ao beneficiamento e 2, 6% ambas as práticas.

As trocas desiguais, a partir das relações de poder e hegemonias instituídas, oriundas das relações de dependência entre marreteiros e coletores nas permutas, empréstimos, dívidas, ajudas e vendas do Uçá apontam a permanência de antigas instituições que se estabeleceram na Amazônia como o aviamento.

AVIAMENTO E PERMANÊNCIA NA ATIVIDADE DE PESCA DO CARANGUEJO-UÇÁ: PODER E DOMINAÇÃO NAS RELAÇÕES

Este tópico apresenta e analisa como ocorre o processo de dominação local entre tiradores e comerciantes de caranguejos, via o uso do sistema de aviamento. Desse modo, como são instituídas as relações dentro da atividade produtiva do caranguejo-uçá pelo sistema de aviamento? Quais os acordos, as tensões e as resistências? Nossa intenção é interpretar este fenômeno sociológico como parte do sistema de dominação econômico local. Assim, investigaram-se os processos de construção deste sistema, seus mecanismos contraditórios e as formas de interações, jogos de dominação e resistências entre os envolvidos.

São necessários estudos e teorias por parte das ciências sociais e a ciência histórica no que se refere a identificação das continuidades e permanências de práticas relacionadas ao sistema de aviamento na Amazônia. Quando se pensa em aviamento atualmente se deve considerar, e esta é uma das preocupações deste estudo, que não se trata de reproduzir o que ocorreu na exploração da borracha e a da castanha-do-pará, mas notar aspectos de sua permanência e reprodução nas atividades pesqueiras e agrícolas do presente como, por exemplo, fornecimento de materiais alimentícios, a "despesa", para trabalho diário e o "vale" (quantidade de dinheiro adiantada dado pelo "patrão" ao pescador, que deixa este endividado com aquele antes mesmo de adentrar na atividade da pesca em si).

7 Catorze caranguejos enlaçados por um fio. Geralmente uma cambada tem 14 caranguejos vivos. Também é chamada de penca ou fieira.

Alves (2006, p. 68), analisando a obra de Aramburu (1994) Aviamento, modernidade e pós-modernidade no interior amazônico interpreta que "o aviamento, em si, não desapareceu. Sua persistência, explica, é ao mesmo tempo decorrente das relações de trocas desiguais em que se inserem os produtores diretos, deprimindo sua renda". Deve-se buscar compreender o sistema de "aviamento" atualmente considerando as lógicas econômicas e territoriais relativas às transformações e os impactos socioambientais produzidos pelo neoliberalismo contemporâneo.

No que se refere aos aspectos relacionados ao empréstimo feito pelo coletor junto ao marreteiro, as entrevistas indicam que isso acontece em momentos de dificuldades na vida dos coletores, ou seja, quando estão doentes, portanto, impossibilitados de irem ao trabalho ardoroso no manguezal. Empréstimos também ocorrem quando é decretado o defeso do caranguejo, durante os meses de janeiro, fevereiro e março (legalizado pela lei 3.181 de novembro de 1998), quando os órgãos de fiscalização governamental, tais como IBAMA e ICMBio, por exemplo, aumentam a inspeção, de modo que muitos trabalhadores ficam em dificuldades materiais, pois os recursos naturais são seus principais meios de sobrevivência e em função do período de proteção ao crustáceo, ficam impedidos de coletá-lo e comercializá-lo; todavia, tal processo não se dá de forma homogênea, pois que burlar aquela legislação não é incomum.

Ressalta-se o empréstimo enquanto estratégia de exploração do trabalho dos coletores de caranguejo e da criação e manutenção de relações de dependência econômica, moral, social entre os marreteiros e o pescador e sua família. É necessário esclarecer que localmente o contexto dessas comunidades se fricciona com elementos que historicamente eram externos, como: capitalismo, monetarização, lógica do lucro e da acumulação etc. Assim, esses coletores já reproduzem essas lógicas, juntamente com os saberes tradicionais ainda reproduzidos socialmente, e o dinheiro se torna fundamental no comércio local.

Há também empréstimos que os tiradores contraem quando estão sem o dinheiro para comprar os itens básicos, como: o pão, o feijão, o arroz, os materiais escolares dos filhos, enfim, os produtos necessários ao cotidiano. Mediante essas necessidades de consumo, o marreteiro se apresenta como sujeito que pode auxiliar essas famílias (OLIVEIRA, 2013; CAMPOS, 2013). Não obstante, é relevante considerar este último como modus operandis no processo, sendo, pois, um sujeito de destaque no cenário social, ou seja: muitos são donos de pequenas tavernas, de embarcações e de veículos, e, por isto, geralmente possuem maiores poderes aquisitivos em comparação aos coletores e, porquanto, entendidos como auxiliadores econômicos, nas dificuldades destes.

Além do "aviamento", são fortes as relações de reciprocidades e compadrios entre os atores envolvidos na comercialização do caranguejo. Essas interações sociais ocorrem quando os coletores ficam impedidos de trabalhar, por razões de doenças ou problemas pessoais, e os marreteiros os ajudam com dinheiro e recursos materiais. Em troca os marreteiros recebem "fidelidade" do trabalhador, quando este volta à atividade (ALVES, 2016).

Os marreteiros pedem "fidelidade" aos coletores quando estes saem do manguezal com as cambadas de caranguejos a vender. Dito de outra

forma, se o marreteiro Y emprestar 30 reais ao coletor X, em um momento de urgência ou de necessidade imprevista, por exemplo, este, por sua vez, deve evitar vender sua coleta ao marreteiro Z. Sobre tal monta, o mesmo deveria ocorrer com o marreteiro Z para com o coletor A, em relação ao marreteiro Y. Apesar da ilustração aparentemente lógica, isso não é exatamente uma regra rígida, uma vez que o coletor pode comerciar com outro marreteiro, e, deste modo, não cumprir o "acordo"[8]. Muito embora, pelo menos quando endividados, os coletores relataram que vendem aos "patrões", mantendo, desta maneira o "laço moral", como classificou Reis (2007).

Com efeito, o fato de os marreteiros afirmarem que eles trabalham "pra gente", permite pensar que o ciclo comercial com os tiradores é contínuo. Desta feita, quando os tiradores saem do interior do manguezal com os aglomerados de caranguejos nos ombros e/ou nas canoas/rabetas, esperam por eles seus compradores, em tal caso os marreteiros que lhes emprestaram o dinheiro anteriormente. O que ocorre nesse momento é a diminuição do preço das peras, veja-se, se a cambada custa 6 reais, o marreteiro compra por 3 reais, e, portanto, ameniza a dívida contraída pelo tirador. Em outros casos, ocorre o repasse dos caranguejos in natura para os "patrões".

O coletor sofre coerções e as conforma através de diferentes interesses a partir das estratégias dos marreteiros, dos coletores e das necessidades de consumo e sobrevivência impostas às famílias dos coletores. Lembre-se que anteriormente, a história nos mostra isso, não existia a figura do marreteiro, pelo menos do modo como atualmente se apresenta; ocorreram dinâmicas históricas, econômicas, sociais, morais etc, que alteraram e/ou criaram novas relações dentro dessa cadeia produtiva.

Destaca-se que, em vários casos, o coletor prolonga e intensifica a relação porque prossegue reiterando em diversas oportunidades a solicitação de crédito −, tal fato engendra a permanência de uma relação mais densa e longeva. Sobre isto, em muitos momentos durante a pesquisa, muitos relatos afirmavam: "fulano" foi, ou é meu "patrão"; o que mostra a necessidade de permutas e de permanências nestes ciclos de empréstimos, pois, trata-se de uma relação de interdependência mútua e recíproca.

Esta relação de dívida pelo crédito fornecido ocorria também no sistema de exploração da borracha, quanto o seringalista fornecia bens econômicos aos seringueiros, e estes pagavam a partir do desconto na venda do látex, quando do retorno do seringal. Estavam, portanto, sujeitos à relação de fidelidade econômica ao seringalista (CHEROBIM, 1983). O seringueiro, nesta relação desigual, era o mais prejudicado, pois "estava sujeito a um endividamento que se iniciava na abertura da safra da borracha, momento em que o seringalista adiantava suprimentos alimentícios, equipamentos de trabalho e, às vezes, certa quantia em dinheiro para o desenvolvimento da extração da borracha no seringal" (DA SILVA, 2010, p. 38). Da Silva (2010) argumenta que havia uma máquina de crédito que

8 Assinalamos a palavra acordo entre aspas para evidenciar: por serem instituições feitas verbalmente. Não há nenhuma relação baseada nas regras da consolidação das leis trabalhistas (CLT) ou qualquer contrato formal; há infidelidades nesses acordos.

compunha a organização do sistema de exploração e comercialização da borracha, desde as casas aviadoras até chegar ao seringueiro, o mais prejudicado na hierarquia econômica.

No caso das trocas dos trabalhadores ligados a extração de recursos do manguezal, cabe considerar as vantagens obtidas por ambos os sujeitos (coletores e atravessadores) no bojo desta relação são simetricamente relevantes, ou seja, os 'acordos' trazem bons proveitos tanto aos coletores quanto aos marreteiros. Com efeito, aos caranguejeiros, as vantagens advindas da relação com os atravessadores, lhes decorrem por poderem, de fato, contar com o auxiliar do comerciante intermediário em momentos de dificuldades econômicas e materiais, como falta de dinheiro para compra de alimentos e outros itens básicos aos rebentos e à família. Além disso, os tiradores consideram o trabalho no interior do manguezal demasiadamente cansativo, e, assim, avaliam ser mais viável vender ao M a se correr o risco de um possível insucesso na empreitada, apesar de considerarem que ganhariam mais se vendessem na feira livre de Bragança, ou outro ponto, diretamente ao consumidor, pois poderiam determinar o preço das cambadas em um patamar mais alto.

No caso da venda ao marreteiro no Bacuriteua, os coletores comerciam, em média, nos valores entre R$ 4,00 a R$ 10,00 reais por cada "pera". Assim, pelo fato de retirarem entre 08 e 20 cambadas diariamente, seus ganhos, num cálculo relativamente simples, variam entre 32 a 200 reais por dia. No entanto, esses cálculos são absolutamente relativos, uma vez que, quando endividados com o atravessador, o tirador fornecer parte de sua produção para pagar as dívidas contraídas (OLIVEIRA, 2013).

Outra questão a se considerar é a alusão de que algumas vezes as investidas no manguezal podem malograr, isto é, o trabalhador não consegue coletar caranguejos, já que pode haver dificuldade em encontrar o crustáceo na toca ou não acertarem os pontos "certos de coletas". Frisa-se que quando ocorre este tipo de conjuntura cotidiana desfavorável, eles se referem a ela, dizendo "está vasqueiro"[9]. No mês de julho (MONTEIRO, 2012) a média dos salários individuais dos coletores podem se aproximar de R$1.600, 00. Uma explicação para isso ocorre em razão da presença de visitantes que se deslocam à Bragança nas férias escolares. Nesse período, o caranguejo-uçá tem grande procura no mercado, sobretudo pelos turistas que apreciam o consumo da iguaria. Todavia, à época do defeso, há diminuição da captura, fazendo com que os rendimentos no período caem a aproximadamente R$ 800,00.

No que se refere aos gastos mensais com os deslocamentos diários, os trabalhadores do manguezal têm custos que variam conforme a localidade de origem dos mesmos, por exemplo, os tiradores que residem na Vila do Treme "gasta[m] em média R$134,00, enquanto outro que mora no Acarajozinho gasta até R$299, 20, uma diferença de R$163, 20 ou 55%" (MONTEIRO, 2012, p. 16). Obviamente que os gastos com as viagens dependem das distâncias das residências dos coletores aos lugares de coleta. Em Bacuriteua, por exemplo, um trabalhador que apanha o ônibus na localidade, gasta em média R$ 3, 00 reais até os pontos de captura no

9 Termo refere-se à dificuldade em encontrar caranguejos na coleta.

manguezal, enquanto que o residente em Bragança, gasta em torno de R$5,00. Portanto, segundo Monteiro (2012), as despesas médias dos trabalhadores podem alcançar R$223, 84 por mês. Oliveira (2013, p. 64) destaca três formas de acesso ao manguezal, quais sejam: "entrar a pé no manguezal, ir de ônibus, caminhão ou carro, utilizando a PA-458 até o Furo Grande e alugar uma canoa; e sair da comunidade para os locais de coletas".

No entanto, apesar de muitos coletores entrarem, por questões necessárias, no ciclo de dívida para com o marreteiro/atravessador, outros, porém não o fazem, optando por venderem suas produções em diferentes partes do território. Há coletores que, com muitos esforços, optam por vender suas produções diretamente ao consumidor. Esse foi o caso do Senhor B. P. Ele contou que, mesmo cansado, quando chegava a sua casa, saía vendendo o caranguejo em sua bicicleta pelas ruas de Bragança. Fazia isso porque eles (M's) "querem se aproveitar, querem se aproveitar das coisas do trabalhador". Essa expressão denota que há casos de trabalhadores que resistem à dependência para com a figura do marreteiro.

No entanto, o fato de alguns tiradores optarem por não estabelecer relações de crédito e endividamento com atravessadores de crustáceos, não significa que eles não permutem com o marreteiro, ao contrário, a partir do momento em que acoplam as pencas, sejam nas garupas de suas bicicletas, sejam nos ônibus que transitam à praia de Ajuruteua, movimentam-se em busca de mercado consumidor. Desse modo, podem vender tanto para o consumidor, quanto para o marreteiro, sendo que este último tem a opção de negociar direto ao consumidor ou, também ocorre com frequência, vende para outro marreteiro (II), que se encarrega então de redistribuir no mercado final.

Esta artimanha foi notada na entrevista com um marreteiro de 37 anos, que desde os 19 anos exerce essa função. O trabalhador, ao ser perguntado sobre sua relação com outros colegas de ofício, afirmou que "já compro dele [marreteiro], ele já compra de mim, é assim.... O cara já vende pra quem já tira já... Não tem nada a ver não o cara chega vendeu, pegou o dinheiro e meteu no bolso".[10] Destarte, nota-se que há intrincadas teias econômicas e sociais que envolve a cadeia de comércio do caranguejo-uçá em Bragança e cercanias. O colaborador disse que o relevante no processo é de fato a troca e as vantagens que esta proporciona ao vendedor e também ao comprador, no ato da negociação.

No que se refere ao comércio na PA-458[11], que ocorre em maior frequência em peras (vivos), de acordo com Monteiro (2012), as trocas do crustáceo sugerem dinâmicas econômicas que se constroem em torno da cadeia produtiva do caranguejo-uçá em Bragança, se dão em maior escala entre os marreteiros. Por outro lado, o coletor, haja vista que este retira o produto da natureza e vende suas pencas na maioria dos casos a atravessadores – ainda que haja exceções – é à base da cadeia produtiva. Os coletores constroem discursos para legitimar sua relação com os marreteiros. Eles se sustentam na estratégia de venda aos marreteiros como

10 Entrevista com marreteiro de caranguejo. Bacuriteua, 28 de agosto de 2016

11 PA que liga a Bragança à praia de Ajuruteua. Corta cerca de 30 km de manguezal. É a principal via de acesso aos habitats do caranguejo-uçá.

uma forma de “se livrar” o mais rápido possível, evitando perdas e prejuízos; essa estratégia é importante, reproduzida e legitimada entre os grupos. Eles afirmam que devido o trabalho de coleta de caranguejo ser extenuante e a alta perecibilidade dos caranguejos e a falta de meios de acomodação desse crustáceo no deslocamento para os centros comerciais, o marreteiro, da feita que essa produção é repassada a ele, fica responsável pelo escoamento e as perdas são arcadas por ele (OLIVEIRA, 2013).

Com efeito, descritas, portanto, as “vantagens” ao coletor na dinâmica comercial, veja-se, então, o caso dos marreteiros. Ressalta-se que eles podem comprar as fieiras dos tiradores por 05 reais e vender por 10 na feira livre de Bragança. No entanto, se o ponto de venda for à outra cidade como Belém, por exemplo, permutam por 15 reais. Se for Marabá, a penca sai por 17, isto é, ele determina o preço de acordo com os custos relativos ao espaço-tempo do deslocamento que realiza. Assim, em tese, têm maiores vantagens, pois que vendem a preços maximizados. No entanto, os colaboradores dizem que nas viagens longas morrem muitos caranguejos, e que, por isso, os marreteiros também têm perdas nas empreitadas. A respeito deste fato, considera-se que o caranguejo é um animal pouco resistente, tem um prazo de vida curto fora do ecossistema, e que, portanto, deve ser comercializado o mais rápido possível, haja vista que seu consumo post-mortem é tido como inviável.[12]

Durante as conversas com os marreteiros, eles disseram que numa viagem há sempre perdas de caranguejos que morrem pelas trepidações dos veículos. Assim, quando chegam no local de comercialização, devem retirar os caranguejos mortos das fieiras e substituí-los por vivos. Um marreteiro disse que muitos crustáceos são retirados mortos das galerias subterrâneas e colocados nas cambadas pelos coletores, é que tal artimanha é impossível de ser verificada no momento da permuta, já que para isso é necessária uma análise cuidadosa de toda a penca. Há também o fato de que muitos caranguejos que “morrem, mata o outro... aquela água do outro é danada pra matar o outro...é danada pra matar o outro”. Nesse aspecto, segundo os trabalhadores, o líquido liberado por um caranguejo morto mata ao outro[13], e isso também é uma das principais causas de perdas nas empreitadas.

Dois marreteiros contribuintes foram coletores de caranguejo antes de entrarem no que chamam “marretagem”.[14] Em muitos momentos nas conversas mencionaram que o tirador pode ganhar “um capitalzinho” e depois se tornar marreteiro. Sobre isso, Reis (2007, p. 218), em suas pesquisas na Vila de Acarajó-PA, constatou que muitos tiradores desejam se tornar comerciantes, “e alimentam o sonho de um dia adquirir um caminhão, para vender o caranguejo fora do município de Bragança e criar possibilidade de ganho real e ascensão social”. No entanto, há casos de marreteiros que voltam a ser coletores, uma vez que alegam perdas nos trâmites, assim, a coleta, apesar de mais cansativa, é considerada “mais fácil” para a obtenção de dinheiro. Esse foi o exemplo do Senhor R. C., que disse ter passado parte

12 O caranguejo morto tem a carne putrefata, portanto, inviável à mercancia e ao consumo humano.

13 Entrevista com marreteiro.

14 Referente às negociações com os marreteiros.

de sua vida na “marreta”, mas em seguida voltou à coleta. Desse modo, deve-se elucidar que é interessante ao tirador se tornar, acima de tudo, marreteiro-patrão e não simplesmente marreteiro, porque ser “patrão” é ter dinheiro e/ou automóveis para vender caranguejos para fora da cidade.

Para maiores aprofundamentos é fundamental sintetizar que entre os próprios marreteiros há relações especificas de poder, uma vez que existem os marreteiros e os marreteiros-patrões. Esse último é um termo que utilizamos para diferenciação, uma vez que entre os coletores não há distinção entre eles; pois, chamam “patrão” a todos os compradores. Por causa disso, classifica-se marreteiro-patrão o comerciante que têm maiores recursos econômicos em relação aos marreteiros locais, sujeitos com menor poder aquisitivo e menos bens materiais acumulados. Cristina Maneschy (1993) também observou este ator social em São Caetano de Odivelas, ao descrever que entre os próprios marreteiros há, além das transações comerciais, uma hierarquia baseada em relações de poder, sobretudo de ordem econômica. Em conformidade com isso, é trivial destacar que existia um marreteiro mais forte, chamado “patrão”, que era o responsável por passar dinheiro aos marreteiros “menores”, para estes pagarem os tiradores, que, por sua vez, lhes retribuíam com sacas de caranguejos.

Em Bacuriteua existem coletores que disseram terem dívidas com os marreteiros e, deste modo, há constantes relações de trocas dos coletores de caranguejo para com os marreteiros. Obviamente, existem também os marreteiros locais, muitos, inclusive, que vendem suas cambadas nas proximidades da PA-458.

O marreteiro “X” disse que freta um Fiat Estrada, onde leva os caranguejos. Segundo os depoentes o dono do veículo vai dirigindo o automóvel. Nesse caso, o proprietário do automóvel também é considerado um marreteiro-patrão, uma vez que coletores e até mesmo alguns marreteiros locais, em algumas vezes, pedem dinheiro emprestado e mantém com o proprietário ciclos de dívidas. O marreteiro leva seus próprios vendedores, estes não são exatamente coletores de caranguejo, são os atores responsáveis por venderem as fieiras, constituem o que Reis (2007) denomina de jovens vendedores de caranguejo, que viajam em meio as cargas nos veículos, mas que não compram caranguejo no manguezal, ao contrário, são vendedores contratados pelo “patrão”, assim como no comércio varejista em geral, existe o trabalhador da categoria profissional de comerciário.

Além desta multiplicidade de atores sociais que envolvem esta cadeia produtiva e de seus variados papéis no processo de compra-venda do Uçá em Bragança, a questão fundamental nesta análise é considerar a relação de dependência dos coletores para com os marreteiros e com os marreteiros-patrões. É sabido que os tiradores poderiam ganhar mais se vendessem suas produções diretamente ao consumidor, haja vista que poderiam determinar o preço da produção em valores mais altos. As observações apontam que a dependência pode ser justificada, além, obviamente, das dívidas que são contraídas antes de ir ao manguezal, também em razão das dificuldades e do cansaço da labuta no bojo do ecossistema. Assim, os trabalhadores saem exaustos do serviço e consideram que a busca por consumidor torna a atividade ainda mais cansativa, à medida que correm o risco de não

conseguir vender a produção do dia, e isso é uma das justificativas por que optem por vender logo ao marreteiro, pois, desta maneira, eliminam as possíveis perdas, que ocorreriam em possíveis fracassos na comercialização direta.

No entanto, como analisado, os empréstimos adquiridos com o marreteiro fazem com que o tirador entre no ciclo de dívida e dependência. Reis (2007) verificou que além da dependência comercial, há também relações de parentescos entre ambos, visto que os M's, em muitas às vezes, são parentes ou familiares consanguíneos dos coletores, como primos, tios e compadres. O Senhor Y, 36 anos, coletor de caranguejo, relatou durante nossas conversas sua interação com a figura do marreteiro:

> *Tem muito marreteiro que trata a gente bem, têm uns que já querem sacanear com a gente, é assim, olha nós [coletores] tamo trabalhando com um aí, é até meu primo, mas gente boa ele, dar sua despesa, seu dinheiro, e não lhe cobra nada, daí sobre esse aí que é meu primo, mora lá em cima lá, daí esse aí eu já cai doente aqui [em sua casa] várias vezes, ele me ajudou muito aqui, e até hoje eu trabalho como ele, nunca me deixou na mão, eu já precisei muito. Teve um tempo aí que eu passei doente aqui, passei o que? Acho que uns três dias doente sem poder trabalhar, me furei no mangal, peguei um golpe aqui ó [seus pés], nesse tempo eu trabalhava descalço, aparece malmente a marca, daqui aqui atravessou o pé, aí parei de trabalhar, aí parei de trabalhar no mangal, aí fiquei esses três meses aí. Mais ele ficou bem dizer me assustentando né? Que quando voltei a trabalhar com ele que eu fui bater a conta tava devendo muito pra ele, aí que eu cheguei lá pra conversar, aí ele me disse: - não, você não me deve nada, eu só fiz lhe ajudar, aí pronto, sobre esse daí é gente boa mesmo comigo.*[15]

No relato do depoente o M vislumbra-se como um auxiliador em momentos difíceis da vida, fornecendo-lhe dinheiro e materiais, e que os mesmos não foram pagos, visto que o comprador desconsiderou as dívidas do tirador. Narrativas nessa direção são frequentes entre os coletores de caranguejo que consideram que há marreteiros pelos quais mantém maiores laços de reciprocidades. Segundo Reis (2007), o vínculo de endividamento entre os tiradores de caranguejos e os comerciantes é chamado de "despesinha" e tem um peso moral e uma compreensão simbólica significativa na lógica econômica local, pois os comerciantes, em função dos auxílios que antecipam aos tiradores, esperam que os beneficiários vendam as cambadas ao organizador da turma (gato) e/ou, ao comerciante do caminhão, ou seja, aos sujeitos que conduzem os tiradores aos finais de semana em Acarajó.

Os marreteiros viajam para os seguintes locais de venda: Capanema, Augusto Corrêa, Marabá, Paragominas, Santa Maria, Capitão Poço, Parauapebas, Belém e Ananindeua (estes os lugares mais citados pelos colaboradores). Os "comerciantes", nesses casos, se deslocam nos carros dos "patrões" e devem pagar os custos das viagens após o encerramento das vendas, atuando como se fossem funcionários daqueles. O Senhor R.C, que

15 Entrevista com coletor de caranguejo.

trabalhou 20 anos como marreteiro, lembrou a ocorrência das transações econômicas.

> *Ah, mas ele já vende pra outro, pra fora, pra ir pra fora, porque esse caboco que compra aqui não tem condições de vender lá fora, sabe por quê? Porque ele vai perde o dia de amanhã, vai no dia pra vim no outro, vai perde o dia de amanhã.*[16]

Na citação do depoente acima vê-se que há os comerciantes (marreteiros-locais) que só vendem em Bragança e os que comerciam para outras cidades. Em caso da ida para fora da urbe em pauta, se vai ao carro do marreteiro-patrão, que pode ser um Fiat Estrada (usado em maior quantidade); caminhão porte médio, caminhão truck (grande) ou mesmo em "pau-de-arara". Estes veículos circulam semanalmente a partir de Bragança, em grande maioria, pela BR-308. Na maioria das vezes os marreteiros dirigem o carro alugado do "patrão", inobstante, há casos também de o "patrão" se deslocar dirigindo o veículo (de sua propriedade).

Cada trabalhador/vendedor é responsável por certa quantidade de cambadas. Por exemplo, o marreteiro Y está comprometido com 50 cambadas, Z com 70, e X com 80, e o "patrão" (G) com 100 cambadas, e assim por diante. Até o final do expediente, todos devem vender a produção que lhes pertence. Sobre isso, no caso dos vendedores que não são proprietários dos automóveis, os mesmos devem pagar o frete do veículo, isto é, a passagem ao "patrão". A respeito disto os depoentes afirmam que os custos são pagos por peras vendidas, e que estas custam em torno de 05 reais cada uma. Vejamos, porque, que se o marreteiro levar 80 feiras e vender por 10 reais a unidade, deve pagar em torno de 400 reais ao dono do carro, de modo que seu lucro seria em torno de 400 reais, visto que o montante total das vendas, neste caso, seria de 800 reais. Assim, verifica-se que se trata de uma porcentagem em torno de 50% das vendas, o valor destinado a cobrir as despesas, sendo que o custo deste pagamento é destinado ao bolso do "patrão". Mas, obviamente, o marreteiro pode baixar ou aumentar o preço da penca e ter, dessa maneira, um lucro para menos ou para mais do que esse referencial.

Quando ocorre de o "patrão" não viajar, os marreteiros conduzem o automóvel e calculam as despesas e os gastos, quando chegam, acertam os custos da viagem com o proprietário. Geralmente o "patrão" contrata um motorista que dirige o veículo.

Uma questão fundamental a se compreender nessas interações é observar como os atores sociais envolvidos no comércio do caranguejo circulam e onde permutam suas produções. No caso do deslocamento para outras cidades os depoentes fizeram as seguintes considerações: 1º) se deslocam sempre em grupo, geralmente com mais de 05 pessoas, isso, obviamente, depende do tamanho dos veículos e da quantidade de caranguejo que levam; 2º) eles ficam em pontos diferentes, explica-se, quando se dirigem à Belém o veículo deixa um marreteiro em Castanhal, um em Ananindeua e o restante em pontos da capital, por exemplo.

16 Entrevista com o Senhor R., 57 anos. Bacuriteua, 16 de abril de 2016.

A função de cada um é vender a produção, até o retorno do carro, que fica em Belém e volta somente quando os condutores conseguem vender todas as cambadas. Assim, ao retornar, o veículo vai recolhendo os outros trabalhadores que ficaram no transcurso. A respeito disto, os depoentes narraram que em algumas vezes levam suas bicicletas nos veículos e quando chegam às cidades, organizam as fieiras e saem vendendo. Lembra-se que cada vendedor deve cumprir o horário estabelecido ao retorno, sendo este definido pelo grupo, uma vez que todos devem regressar no carro do "patrão". Maneschy (1993), em suas pesquisas em São Caetano de Odivelas, identificou algo semelhante no final da década de 1980 e início de 90, pois naquela cidade,

> *Os marreteiros viajam no próprio caminhão entre o amotoado de sacas. Em Belém, cada um tem seus próprios fregueses, varejistas ou atacadistas; eventualmente tem contrato de fornecimento com um proprietário de bar ou restaurante. Mas, pode ocorrer que seus fregueses não adquiram toda a mercadoria, por exemplo, quando a procura está em baixa na capital. Assim, se não conseguirem revender tudo o que trouxeram eles podem se ver na contingência de retornar com os caranguejos, o que em geral acarreta grandes perdas. Procedida a venda os marreteiros voltam a São Caetano de Odivelas, no ônibus que faz linha até aquele município, às nove horas da manhã, para novamente se colocarem a postos para receber o produto de mais um dia de trabalho de seus fornecedores. Caso o caminhão no qual viajaram retorne vazio, ou com pouca carga, retornam de carona, economizando a passagem de ônibus (MANESCHY, 1993, p. 49).*

Os marreteiros viajam no próprio caminhão entre o amotoado de sacas. Em Belém, cada um tem seus próprios fregueses, varejistas ou atacadistas; eventualmente tem contrato de fornecimento com um proprietário de bar ou restaurante. Mas, pode ocorrer que seus fregueses não adquiram toda a mercadoria, por exemplo, quando a procura está em baixa na capital. Assim, se não conseguirem revender tudo o que trouxeram eles podem se ver na contingência de retornar com os caranguejos, o que em geral acarreta grandes perdas. Procedida a venda os marreteiros voltam a São Caetano de Odivelas, no ônibus que faz linha até aquele município, às nove horas da manhã, para novamente se colocarem a postos para receber o produto de mais um dia de trabalho de seus fornecedores. Caso o caminhão no qual viajaram retorne vazio, ou com pouca carga, retornam de carona, economizando a passagem de ônibus (MANESCHY, 1993, p. 49).

No caso de Bragança não há o retorno de marreteiros nos ônibus que circulam desta à capital pelas BR-308 e BR-316. Os vendedores retornam no carro do "patrão", pois o regresso no carro está contido no dinheiro embutido no frete. Muitos trabalhadores relataram que têm suas próprias freguesias, combinam o dia e o horário com os consumidores, que geralmente são donos de lojas, de supermercados, de açougues e de outros. Mesmo quando não combinam com os consumidores eles se deslocam a pontos onde, de fato, tendem a grande proporcionalidade de venda, isto é, espaços onde atores

consumidores se apresentam em grande número, num geral, as feiras das cidades.

Quando percebem, durante o processo de exposição e oferta do produto, que a demanda pela iguaria está escassa, eles baixam o preço das fieiras a fim de não terem perdas nas viagens, chegando inclusive a vender por apenas 05 reais as pencas em lugares em que, o preço geral, deveria ser R$10.

As viagens ocorrem em dias alternados semanalmente, alguns marreteiros dizem que fazem o trajeto, segunda-terça, quarta-quinta, sexta-sábado, outros, porém, o fazem terça-quarta, quinta-sexta, sábado-domingo, enfim, a circulação pela PA-458 é um processo constante, e cada trabalhador define o dia útil à comercialização.

É de suma relevância salientar que os trabalhadores/comerciários, em muitas das vezes, já têm seus consumidores (fregueses ou "clientes") pré-acordados, e que as idas também são definidas e direcionadas por combinação feita entre os membros do grupo. O horário de saída, geralmente, é à noite, a partir das 19 horas, entretanto, argumenta-se que isto também depende da distância, já que, se a viagem for a Marabá, por exemplo, o que dura em torno de 10 horas, saem de Bragança às 08 horas para chegar à cidade às 05 horas da manhã; já se for à Belém, saem meia noite e assim sucessivamente. Exemplifica-se que eles devem chegar ao local de trabalho cedo (preferencialmente entre as 04 e 06 horas da madrugada), uma vez que o primeiro serviço no dia é tirar os caranguejos mortos das peras e preparar os equipamentos para a venda. Portanto, o horário de largada é diretamente proporcional à extensão a se percorrer para chegarem ao destino escolhido.

Os vendedores, quando abordam nos locais de troca o negócio é "tirar os caranguejos mortos e colocar os vivos no lugar, desse jeito a gente perde uma base de 05 cambadas", disse o Senhor R., ao lembrar que muitos caranguejos morrem nas viagens. O processo de substituição dos crustáceos vivos pelos mortos também ocorre com frequência na feira livre de Bragança, muito embora, neste local, as mortes sejam poucas, porque as áreas de onde vieram os caranguejos são próximas.

As pesquisas indicaram que nas interações sociais envolvendo coletores e tiradores de caranguejos persistem práticas sociais e econômicas como: os empréstimos, as relações de endividamento por antecipação de dinheiro ou recursos materiais, o compadrio e as relações de reciprocidades, que se configuram como permanências do sistema de aviamento e das relações de servidão presentes no período escravista e colonial, que, atualmente, persistem no capitalismo nacional, naquilo que o sociólogo Florestan Fernandes denominou de permanência do sistema arcaico nas estruturas da burocracia moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos problematizar que o sistema de aviamento enquanto influenciador das relações sociais e econômicas ligadas às práticas de comercialização e circulação do caranguejo em Bragança. O aviamento é uma

permanência das práticas de empréstimos e endividamentos que envolvia atores econômicos que participavam da exploração e comercialização da borracha e da castanha-do-pará, por exemplo, nos séculos XIX e XX.
Os atores sociais das dinâmicas comerciais do caranguejo-uçá em Bragança são: o coletor que é o "extrativista" que retira os recursos do ecossistema, capturando-os vivos; o marreteiro que intermedia as negociações dos coletores e o mercado consumidor; os "patrões", geralmente donos de automóveis, barcos e/ou canoas, responsáveis por transportarem as produções em seus veículos a outras cidades; por fim, os atravessadores divididos em os que adquirem a pescaria dos coletores e também dos aviadores para posterior comercialização, e a segunda envolve aqueles agentes que vendem suas mercadorias em outros municípios.
Nas interações de trocas concernentes ao caranguejo em Bragança o aviamento se manifesta nos empréstimos de dinheiro e adiantamento de recursos alimentícios fornecidos pelos marreteiros aos caranguejeiros que entram no manguezal já endividados com os fornecedores, práticas semelhantes ao que ocorria entre o seringueiro e o seringalista na exploração da borracha amazônica. O aviamento enquanto uma ação social que continua nas relações de uso e exploração dos recursos naturais deve ser interpretado à luz das condições históricas e sociológicas do presente e, mediante isto, faz-se necessário interpretar suas reconfigurações às novas condições socioeconômicas da Amazônia, sobremaneira aquelas ligadas à pesca.
Assim sendo, é importante se investigar como o aviamento interfere e influencia as ações das políticas públicas direcionadas às populações pesqueiras e a projetos desenvolvimentistas para a pesca, buscando compreender o aviamento enquanto "instituição" que proporciona outros direcionamentos para ações pensadas e planejadas inicialmente por técnicos, lideranças comunitárias e representantes políticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEGRETTI, Mary Helena. A construção social de políticas públicas: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 18, p. 39-59, 2008.

ALVES, Alexandre de Brito. Estrada Bragança-Ajuruteua e sobrevivência no manguezal (1975-1991). Revista Ars Historica, n. 12, p. 229-250, 2016.

ALVES, Elio de Jesus Pantoja. Mudanças e continuidades do aviamento na pesca artesanal. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 2, p. 65-76, 2006.

ARAMBURU, Mikel. Aviamento, modernidade e pós-modernidade no interior amazônico. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 9, n. 25, 1994.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. Aprendendo a pensar a sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CAMPOS, Ipojucan Dias. História e natureza: memórias, sobrevivências, famílias e relações de poder no manguezal (Bragança-PA, 1980 a 1990). Margens, v. 7, n. 9, p. 69-87, 2013.

CHEROBIM, Mauro. Trabalho e comércio nos seringais amazônicos. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v. 6, p. 102-107, 1983.

DOMINGUES, Denis. Análise do conhecimento ecológico local e do sistema produtivo como subsídio para gerar instrumentos de gestão da atividade de exploração do caranguejo-uçá (Ucides cordatus Linnaeus, 1763) nos manguezais da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, Bragança-PA. 2008. Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2008.

GALLINO, Luciano. Dicionário de sociologia. São Paulo: Paulus, 2005.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip. Conceitos essenciais da sociologia. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos da metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MANESCHY, Maria Cristina Alves. Pescadores no manguezal: estratégias técnicas e relações sociais de produção na captura de caranguejo. In: FURTADO, Lourdes Gonçalves; LEITÃO, Wilma; MELLO, Alex Fiúza de (org.). Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993. p. 19-62.

MESQUITA, Silvana do Socorro Araújo; COSTA, Rauquírio Marinho; PEREIRA, Luci Cajueiro Carneiro; MAGALHÃES, André. Composição, ocorrência e distribuição das hidromedusas no estuário do rio Caeté, litoral do estado do Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais, Belém, v. 1, n. 3, p. 113-119, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTEIRO, Marcos Alexandre Borges. Cadeia produtiva e contabilidade social do caranguejo-uçá na cidade de Bragança, Pará, Brasil. 2012. Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2012.

OLIVEIRA, Marcelo do Vale. “É de quem chegar primeiro”: territorialidade entre tiradores de caranguejos da Vila de Bacuriteua, Bragança-PA. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE E PRÉ-ALAS BRASIL, 15., 2012, Teresina. Anais [...]. Teresina: UFPI, 2012.

OLIVEIRA, Marcelo do Vale. Trabalho e territorialidade no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança-Pará. 2013. Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2013.

OLIVEIRA, Marcelo do Vale. Plano de manejo da RESEX Marinha Caeté-Taperaçu: coprodução de uma ação pública em um território em recomposição. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

OLIVEIRA, Marcelo do Vale; ALVES, Alexandre de Brito. Saberes e práticas socioambientais na pesca artesanal do caranguejo-uçá na Amazônia Bragantina (Pontinha do Bacuriteua-PA). Nova Revista Amazônica, v. 9, n. 1, p. 111-130, 2021.

OLIVEIRA, Marcelo do Vale; MANESCHY, Maria Cristina Alves. Territórios e territorialidades no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança, Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 9, n. 1, p. 129-143, 2014.

OLIVEIRA, Marcus Vinicius Cunha. A estrada para o "progresso": política, cultura e natureza em Bragança, Pará (1970-1996). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. A sociologia de Florestan Fernandes. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2008.

REIS, Maria Regina Ribeiro. Na friadagem do mangal: organizar e tirar caranguejos nos fins de semana em Bragança (Vila do Acarajó). 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

SAMPAIO, Aldo César Figueira. O trabalho de Sísifo: crédito a comerciantes e reprodução do sistema de aviamento (1914-1919/1943-1952). 2002. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

SILVA, José Rubinstein da. Redes de aviamento da borracha e a organização espacial de Fortaleza do Abunã/Amazônia. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2010.

TEISSERENC, Pierre. Poder local e suas condições de renovação na Amazônia. Novos Cadernos NAEA, v. 19, n. 1, p. 47-70, 2016.